

SERINGAL CACHOEIRA, XAPURI, AC, 20 DE AGOSTO DE 1999

1ª parte

Quero desejar boa-tarde e agradecer a presença de tantas pessoas tão ligadas aos movimentos importantes de preservação das condições culturais e ambientais de vida na região amazônica, especialmente aqui no Acre. Alguns desses são meus conhecidos de longa data. O Juarez mesmo disse que já estivemos discutindo lá, no Palácio do Planalto, a respeito desses problemas. O padre Paulino também, para não mencionar outros com quem, há algum tempo, temos contato a respeito dos problemas aqui trazidos.

O que foi mencionado pelo Secretário da Agricultura é muito interessante e muito importante, porque sinto que existe uma espécie de nostalgia da presença do Acre no Brasil. Isso é verdadeiro. Uma das reivindicações que ouvi mais sentidas aqui, hoje, em Cruzeiro do Sul – e eu já sabia –, é uma estrada, a BR-364, ligando Rio Branco a Cruzeiro do Sul. Então, não é só a falta, digamos, de reciprocidade do Brasil. É até mesmo, internamente, no Acre: as dificuldades imensas que há na formação de uma comunidade local.

É claro que isso está mudando. Tive a oportunidade de dizer, hoje, pela manhã, que esses programas que estamos tentando viabilizar, de

construção de estradas e tudo o mais, não são programas que nasceram apenas da reivindicação. Quando fui candidato a Presidente da República, em 94, eu já tinha essa reivindicação.

Esta região não me é estranha. Aqui se falou que, nos anos 70, começou um processo de avanço da fronteira agrícola. Pois bem, nos anos 70 me embrenhei na floresta, no sul do Pará, e escrevi um livro a respeito desse processo de penetração, de desmatamento, não apenas de desmatamento, mas de destruição das bases locais de vida. E, naquela altura, era tudo muito mais violento do que se possa imaginar. Era a formação daquela idéia, absolutamente absurda, de derrubar a floresta para fazer pastagem. E, naquela altura, pude me embrenhar um pouco mais em todos os problemas e na literatura a respeito das questões relativas à economia da borracha, o que aconteceu com a borracha. E isso também não me era alheio, por outras razões. Minha mãe nasceu aqui, em Manaus. De modo que essa vida amazônica, para o Presidente do Brasil de hoje, não é uma vida completamente alheia à sua experiência vital e nem à sua experiência como pessoa, como pesquisador, como intelectual.

Então, minha sensibilidade sempre foi muito grande para essas questões que aqui foram colocadas. A minha mulher esteve aqui, neste local, faz uns dois, três anos. E é por isso que em todas as vezes em que foi possível apoiar, dentro da medida que o Presidente pode, tenho tentado apoiar os movimentos extrativistas e a preservação de um tipo de cultura específico.

Aqui, o Juarez disse uma coisa que eu tinha dito lá: o difícil é fazer chegar na ponta. Bem, de qualquer forma, está chegando. Aqui, assinamos muitas coisas bastante concretas. O Ministério do Meio Ambiente, para esta região, deu quase 2 milhões de reais em vários programas. O Ministério da Agricultura também. Enfim, existem muitos programas que estão em marcha. Portanto, não se trata mais apenas de um grito que cai no vazio. Não é um grito parado no ar. É um grito que tem eco. E esse eco tem sido correspondido, dentro de certas limitações próprias de um país como o Brasil. Mas tem-se começado a responder. Quantas vezes a bancada do Acre esteve comigo? O Senador

Nabor, a Senadora Marina, o Senador Tião, os deputados, quantas vezes estiveram para levar questões específicas?

No que diz respeito ao preço da borracha, criamos um mecanismo para viabilizar o extrativismo. E, agora mesmo, ampliamos esses mecanismos para dar vazão ao fato de que existe uma grande produção que, se não for socorrida, vai cair de preço. O que estou assinando aqui é uma decisão para impedir que o preço caia.

Espero que a sensação de abandono diminua, porque existe uma correspondência, existe uma vontade política no Presidente da República, senão, não estaria aqui, no meio da floresta. É uma vontade política bastante ativa para que possamos, realmente, levar adiante transformações nesse sentido. Qualquer um que, hoje, tenha a noção do que acontece no mundo sabe que o desenvolvimento sustentável e sustentado é a única forma efetiva de transformação condizente com a perpetuidade da nossa espécie e das espécies em geral. Temos que cuidar disso crescentemente.

Já que estamos aqui, diante de um representante de uma importante organização norte-americana que citou – também o Secretário citou – os grandes relatórios das Nações Unidas, lembro também, nos anos 70 mesmo, que trabalhei na Suécia, em Uppsala. Lá, tínhamos um negócio chamado – era em inglês –, enfim, Diálogo do Desenvolvimento. Foi lá que nasceu o conceito de ecodesenvolvimento, a partir dos estudos que fizemos – o professor Ignacy Sachs, eu e vários outros, nos anos 70.

Cada um que começa pensa que está fundando a história. Certamente, antes de nós, antes dos anos 70, também alguém já tinha feito. Mas não estou querendo dizer se foi antes ou depois. Estou querendo dizer outra coisa: é que a mim me preocupa há muito tempo. Antes mesmo da existência de movimentos efetivos, como hoje existem, me preocupa criar tipos de desenvolvimento que não sejam agressores do meio ambiente e permitam a convivência de formas muito diferenciadas de cultura, em um mundo que tem uma base tecnológica imensa, mas que nem por isso deve destruir as outras formas culturais. Isso é o pressuposto a partir do qual nós podemos nos entender de uma maneira mais ativa.

Muito obrigado.

